

**FRANKFURT E BARBIELAND: UMA AULA SOBRE INDÚSTRIA CULTURAL
POR MEIO DO FILME *BARBIE* (2023)**

**FRANKFURT AND BARBIELAND: A CLASS ON CULTURAL INDUSTRY
THROUGH THE FILM *BARBIE* (2023)**

Bruno José Yashinishi¹

Julise Franciele de Carvalho²

RESUMO:

Este artigo propõe o uso do filme *Barbie* (2023), dirigido por Greta Gerwig, como recurso didático para aulas de Filosofia no Ensino Médio, com foco na introdução ao conceito de indústria cultural. A proposta fundamenta-se nas reflexões da Escola de Frankfurt, especialmente em Adorno e Horkheimer (1985), cujas críticas à cultura de massa oferecem instrumentos para analisar produtos culturais contemporâneos. O filme, amplamente conhecido entre os jovens, permite explorar questões como consumo, estereótipos e mercantilização da cultura. Embora inserido na lógica mercadológica, o filme contém elementos de crítica e metalinguagem, que podem ser discutidos pedagogicamente. O artigo tem como objetivo estimular a reflexão crítica dos estudantes sobre os produtos culturais que consomem. Ao final, apresenta-se um roteiro voltado para a prática docente, com sugestões de como trabalhar o filme em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema e educação; Ensino de filosofia; Ensino Médio.

ABSTRACT:

This article proposes the use of the film *Barbie* (2023), directed by Greta Gerwig, as a didactic resource for high school Philosophy classes, focusing on the introduction of the concept of the culture industry. The proposal is based on the reflections of the Frankfurt School, especially Adorno and Horkheimer (1985), whose critiques of mass culture provide tools for analyzing contemporary cultural products. The film, widely known among young audiences, allows for the exploration of issues such as consumption, stereotypes, and the commodification of culture. Although inserted within the logic of the market, the film contains elements of critique and metalinguistic discourse that can be pedagogically addressed. The article aims to stimulate students' critical reflection on the cultural products they consume. Finally, a lesson plan is presented, oriented toward teaching practice, with suggestions on how to work with the film in the classroom.

¹ Doutorando em Educação pela UEL. Bolsista CAPES. Endereço: Rua Coronel Francisco Lopes, 874, Centro, São José da Boa Vista – PR. Tel (43) 998238879. Email: bjyashi@gmail.com.

² Doutoranda em Educação pela UEL. Endereço: Rua José Spoladore, 77, bloco 03, ap. 106, Cambé – PR. Tel (43) 998238879. Email: carvalhojulise@gmail.com.

KEYWORDS: Cinema and education; Philosophy teaching; High school.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo suscitar reflexões teóricas e apontar possibilidades metodológicas para o ensino de Filosofia no Ensino Médio por meio da linguagem cinematográfica. Neste caso, será utilizado o filme *Barbie* (2023), dirigido por Greta Gerwig, como recurso didático para abordar o conceito de indústria cultural, conforme desenvolvido pelos pensadores da chamada Escola de Frankfurt, especialmente Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (1985).

A noção de indústria cultural refere-se à padronização e à mercantilização da produção artística e simbólica nas sociedades capitalistas avançadas, revelando como bens culturais são transformados em produtos de consumo, esvaziados de sua potencialidade crítica (Coelho, 1980). No contexto do filme *Barbie*, é possível identificar elementos que, ao mesmo tempo em que se inserem nesse modelo de produção cultural massiva, também oferecem uma abertura crítica aos seus próprios mecanismos de funcionamento.

Considerando o grande sucesso do longa-metragem, que atingiu cifras bilionárias de bilheteria, e a familiaridade do público jovem com a figura da boneca Barbie como ícone cultural, propõe-se o uso desse material como ponto de partida para uma discussão filosófica mais ampla, voltada à compreensão dos processos de alienação, entretenimento e ideologia implicados na cultura de massa. O uso do cinema em sala de aula, especialmente em sua interface com a Filosofia, tem sido defendido por autores como Jorge de Almeida (2015), que enfatiza a potência do discurso cinematográfico como forma de conhecimento e instrumento pedagógico.

Ainda que importantes reflexões já tenham sido produzidas sobre essa articulação, muitos estudos carecem de propostas metodológicas mais concretas para o uso do cinema no cotidiano escolar. Nesse sentido, o presente artigo apresenta um roteiro de aula voltado para professores de Filosofia que desejam abordar o conceito de indústria cultural com seus estudantes, por meio do filme *Barbie*. O roteiro será estruturado em três partes: Informativa, Interpretativa e Formativa, conforme a proposta metodológica de Diego Doimo (2021), reforçando o compromisso entre fundamentação teórica e prática pedagógica.

Aprender Filosofia com o cinema: é possível?

Ao refletir sobre os diversos usos da Filosofia, Warnock (1994) aborda sua presença na Educação e discute o seu ensino em escolas e universidades. Para a autora, um ensino e uma aprendizagem verdadeiramente críticos exigem que os estudantes “[...] sejam estimulados a se distanciarem de suas matérias, mesmo enquanto as estiverem estudando, a fim de adotarem uma atitude crítica, analítica e histórica perante o que quer que lhes seja ensinado” (Warnock, 1994, p. 168).

Dessa forma, deve-se compreender que a Filosofia não se limita a um campo específico do saber ou apenas a um componente curricular. Ela se configura como uma prática reflexiva e crítica, que acompanha o indivíduo em sua busca por compreender e interagir com o mundo. Assim, contrariamente ao senso comum, que muitas vezes associa a Filosofia à mera abstração, o conhecimento filosófico mantém uma relação profunda com a experiência vivida, ainda que seus questionamentos não estejam necessariamente voltados a finalidades práticas imediatas, aproximando-se, nesse aspecto, da arte, que possui um valor intrínseco (Aranha; Martins, 2003).

Nesse sentido, o cinema se destaca como uma forma de arte que também pode desencadear processos intelectuais complexos, ultrapassando o caráter meramente recreativo para possibilitar uma compreensão aprofundada do mundo. Desde a Antiguidade, pensadores como Platão e Aristóteles reconheciam no espanto e na admiração os sentimentos que impulsionam o filosofar, sentimentos esses que o cinema é capaz de suscitar em seus espectadores. Mais do que representar o real, a linguagem cinematográfica constrói sentidos, articula razão e emoção, e promove uma reflexão crítica sobre a realidade (Almeida, 2015).

Mais do que uma simples ferramenta de entretenimento ou um produto da indústria cultural, o cinema pode se configurar como um espaço privilegiado para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo (Yashinishi, 2023). Mesmo fora do ambiente escolar, filmes têm o potencial de transmitir conhecimentos e estimular habilidades cognitivas, pois:

[...] o cinema ensina, mas de maneira ampla, indo além da simples instrução formal. Ele forma e educa, acolhendo temas diversos que podem ser explorados sob múltiplas perspectivas — ética, política, estética —, podendo tanto engajar quanto apresentar visões ideológicas passíveis de questionamento (Furtado, 2021, p. 59).

A mediação do professor torna-se, portanto, essencial para guiar a análise crítica e evitar interpretações superficiais ou distorcidas. O diálogo entre o docente e os estudantes

durante e após a exibição dos filmes estimula a autonomia intelectual e o desenvolvimento de competências filosóficas, como a argumentação, o questionamento e a problematização.

A inserção do cinema no contexto educacional, portanto, alinha-se à proposta de uma Filosofia viva e experiencial, ao proporcionar situações que estimulam o pensamento, o questionamento e o confronto de ideias. Entretanto, como aponta Duarte (2006), para que essa abordagem seja eficaz, é imprescindível que o professor planeje cuidadosamente a aula, definindo objetivos claros para o uso do filme como recurso didático. Como reforçam Grace e Janice Thiel (2009, p. 13): “Para tanto, é preciso que o professor não reduza a atividade somente “passar” um filme para seus alunos, e que os alunos não somente indiquem se dele gostaram ou não [...] então, se o professor simplesmente “passar” o filme, o filme vai passar!”. Assim, o roteiro de aula proposto busca oferecer uma orientação prática aos educadores interessados em explorar o filme *Barbie* como instrumento pedagógico capaz de proporcionar reflexões e aprendizados sobre o conceito de indústria cultural.

Metodologia

Para este trabalho a metodologia adotada é de natureza qualitativa (Minayo, 2001; Lüdke; André, 1986) e bibliográfica Gil (2008), fundamentada em referenciais teóricos da escola de Frankfurt. O presente artigo se apresenta como uma pesquisa prática, propondo um roteiro pedagógico aplicável aos professores em sala de aula.

Como procedimento metodológico, foi selecionado o filme *Barbie* (2023) como estudo de caso por apresentar ampla circulação cultural e popularidade entre os jovens, sendo um objeto possível para suscitar reflexões críticas sobre consumo, estereótipos de gênero e mercantilização da cultura pautados nas discussões de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (1985).

Guiados pelas orientações críticas frankfurtianas, em especial pelos apontamentos sobre indústria cultural, realizou-se a análise do filme e posteriormente apresenta-se uma proposta didática para o ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Sugestão de Roteiro de aula

De acordo com Doimo (2021), o uso do cinema em sala de aula, especialmente quando envolve linguagens metafóricas e se relaciona a temas filosóficos, favorece o

desenvolvimento de uma perspectiva crítica e reflexiva por parte dos estudantes. Com base nisso, os autores propuseram uma estrutura para a elaboração de roteiros de aula (Quadro 1):

Quadro 1: Roteiro de aula

Momentos e elementos	Objetivos
1 – ANTES (da exibição) Parte Informativa	Fornecer informações básicas do filme: <ul style="list-style-type: none"> • Ficha técnica • Sinopse • Personagens principais (elenco)
2 – DURANTE (a exibição) Parte Interpretativa	Direcionar o olhar do aluno para aspectos importantes do filme por meio de questões que o levem a refletir filosoficamente através dos quatro passos didáticos: <ul style="list-style-type: none"> • Sensibilização • Problematização • Investigação • Conceituação
3 – DEPOIS (da exibição) Parte Formativa	Referenciar o conteúdo ou tema trabalhado no Currículo de Filosofia a ser desenvolvido a partir do filme exibido, podendo utilizar-se: <ul style="list-style-type: none"> • Material de Apoio ao Currículo • Livro Didático • Atividade Complementar ao Filme

Fonte: Doimo, 2021, p. 58.

Parte Informativa

A primeira parte desse roteiro é a Informativa, pois, é o momento anterior à exibição do filme (ou das cenas) aos alunos em sala de aula. Portanto, com informações previamente selecionadas, o docente apresenta, informa, aos alunos a respeito de informações básicas do longa-metragem (Doimo, 2021). *Barbie* (2023), dirigido por Greta Gerwig e coescrito com Noah Baumbach, é um filme de comédia e fantasia com duração aproximada de 114 minutos. A obra retrata a trajetória da personagem Barbie (Margot Robbie), uma boneca viva que habita Barbieland, um universo idealizado e predominantemente matriarcal. Nesse ambiente, as Barbies ocupam posições de destaque, enquanto os Kens³ (como Ryan Gosling) assumem papéis secundários.

A narrativa se desenvolve quando Barbie passa por uma crise existencial ao perceber imperfeições em sua aparência e questionar seu propósito. Orientada por Weird Barbie (Kate McKinnon), ela descobre que sua crise está relacionada a uma jovem humana insatisfeita

³ No filme, em Barbieland, todos os personagens masculinos se chamam Ken.

que brinca com ela. Decidida a compreender e ajudar essa garota, Barbie parte em uma jornada para o mundo real, acompanhada por Ken.

No mundo humano, Barbie enfrenta experiências inéditas e desenvolve sentimentos genuínos, enquanto Ken se envolve com a cultura patriarcal, buscando afirmar sua identidade. Ao retornar a Barbieland, Barbie encontra o local transformado por um golpe liderado por Ken, que instituiu um regime patriarcal. Com o apoio de aliados como Weird Barbie, Gloria (America Ferrera) e Sasha (Simu Liu), Barbie mobiliza uma resistência para restaurar a ordem original. Ao final, após confrontos e reconciliações, Barbie encontra sua criadora, Ruth Handler (Rhea Perlman), e decide permanecer no mundo real, adotando o nome Barbara Handler e buscando construir sua identidade além das expectativas pré-estabelecidas.

O filme foi lançado em 2023, produzido pela Warner Bros. Pictures, e recebeu destaque pela sua estética visual elaborada, bem como pelo uso irônico e crítico para abordar temas contemporâneos como identidade, feminismo, consumo e as dinâmicas da cultura.

Parte interpretativa

Na segunda fase do roteiro da aula, Doimo (2021) recomenda que os estudantes sejam incentivados a interpretar e desenvolver um pensamento crítico-filosófico a partir de elementos centrais do filme. Tendo em vista que a disciplina de Filosofia costuma contar com apenas um encontro semanal, não é viável exibir a obra cinematográfica em sua totalidade durante a aula.

Sendo assim, serão utilizadas apenas algumas cenas específicas, previamente escolhidas, que servirão como base para aplicar os quatro momentos pedagógicos sugeridos pelo autor: a Sensibilização, estímulo inicial que desperta o interesse pelo tema; problematização, identificação de questões ou desafios relacionados ao assunto; Investigação, exploração e análise crítica das questões levantadas; e Conceituação, organização e construção de conceitos a partir da reflexão (Doimo, 2021).

- Cena 02':45" a 06':510" (Sensibilização): Por que em Barbieland todas as personagens femininas chamam-se Barbie e as masculinas chamam-se Ken? Por que a narradora diz que em Barbieland todos os problemas relacionados ao feminismo foram resolvidos?
- Cena 13':35" a 13':55": (Problematização): Por que, de repente em meio a uma festa, Barbie começa a pensar na morte?

- Cena 39':30" a 43':00" (Investigação): Como Barbie e Ken reagem de maneira diferente ao mundo real? O que Ken entende sobre o papel do homem na sociedade após sair de Barbieland? O que essa cena revela sobre o modo como a cultura influencia nossa identidade e comportamento? Podemos dizer que essa cena representa uma crítica ao modo como os papéis sociais são construídos e mantidos?
- Cena 83'40" a 87'00": (Conceituação): De que forma o discurso de Gloria revela as tensões culturais vividas pelas mulheres no mundo contemporâneo? Essa cena pode ser vista como uma crítica à cultura de massa e às representações estereotipadas produzidas por ela? Como a fala de Gloria ajuda a repensar o conceito de "indústria cultural", segundo a crítica da Escola de Frankfurt? O filme, mesmo sendo um produto da indústria cultural, consegue produzir alguma forma de resistência ou crítica?

Parte formativa

Na terceira etapa do roteiro, busca-se uma articulação entre o conteúdo filosófico abordado em sala de aula e as cenas selecionadas do filme *Barbie* (2023). Para tanto, é fundamental que a/o docente tenha como referencial a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, que propicia uma análise crítica das manifestações culturais na contemporaneidade. Nesse contexto, destaca-se o conceito de indústria cultural, desenvolvido por Adorno e Horkheimer, que problematizam a mercantilização e a homogeneização dos produtos culturais.

A partir desse arcabouço teórico, procede-se à aplicação dos conceitos às cenas do filme, possibilitando a reflexão sobre temas como consumo, estereótipos e aspectos de metalinguagem presentes na obra. Embora tais referências não sejam necessariamente expostas diretamente aos estudantes, elas oferecem suporte para que o professor conduza as discussões de maneira fundamentada, visando o alcance dos objetivos pedagógicos.

A denominada Escola de Frankfurt corresponde a um grupo de intelectuais vinculados ao Instituto de Pesquisa Social, fundado em 1923 na cidade de Frankfurt, Alemanha. Sua proposta consistia na formulação de uma abordagem crítica e interdisciplinar voltada à análise das estruturas da sociedade capitalista moderna. Seus integrantes buscaram articular contribuições da filosofia, sociologia, psicanálise, economia política e teoria da cultura, com o propósito de problematizar as múltiplas formas de dominação presentes nas esferas econômica, política, simbólica e subjetiva (D'Angelo, 2011).

Nesse contexto, desenvolveu-se a Teoria Crítica, concebida não como um sistema fechado de pensamento, mas como uma perspectiva teórica orientada para a denúncia das

contradições sociais e a promoção da emancipação humana. Distanciando-se das correntes filosóficas tradicionais, os teóricos frankfurtianos assumiram um posicionamento que visava não apenas à interpretação da realidade social, mas à sua transformação efetiva. Entre os principais representantes desse projeto intelectual destacam-se Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin e Herbert Marcuse, cujas contribuições tornaram-se fundamentais para o pensamento crítico contemporâneo. Segundo D'Angelo (2011, p. 58):

A identidade da Escola de Frankfurt ficou mais bem definida a partir do ensaio de Horkheimer *Teoria tradicional e teoria crítica*, em 1937. A teoria crítica sempre se caracterizou por uma forma de expressão ensaística, em oposição aos grandes sistemas e às formas mais sistemáticas de fazer filosofia. Seu desenvolvimento como corrente de pensamento se deu através do diálogo com a tradição racionalista.

A Teoria Crítica se distingue por sua postura reflexiva e emancipatória, questionando os pressupostos das ideologias dominantes e os modos como o poder se manifesta sutilmente nas instituições e na cultura. Para esses pensadores, as formas tradicionais de racionalidade, especialmente no contexto do capitalismo industrial e do avanço tecnológico, passaram a operar de forma instrumental, ou seja, subordinadas à lógica da eficiência e do controle, em detrimento da razão crítica.

Os frankfurtianos perceberam que a sociedade capitalista não impõe sua dominação apenas pela exploração econômica, mas também pelo controle dos meios simbólicos e culturais. Na modernidade avançada, os mecanismos de dominação tornaram-se mais sutis, operando por meio da cultura, da mídia, da publicidade e do entretenimento. Assim, a crítica à economia política de Marx foi ampliada para incluir as formas pelas quais os sujeitos são moldados e condicionados no plano cultural. A alienação, portanto, não se restringe ao aspecto econômico, mas se estende ao cultural e subjetivo. Conforme Aranha e Martins (2003, p. 151):

Os frankfurtianos criticam, dessa forma, a razão de dominação, o controle da natureza exterior e interior, esta última representada pelas paixões, pois sabem que aquilo a que se renuncia continua a ser desejado [...] Por tudo isso, o indivíduo autônomo, consciente de seus fins, deve ser recuperado. Sua emancipação só será possível, no âmbito individual, ao ser resolvido o conflito entre a autonomia da razão e as forças obscuras inconscientes que invadem essa mesma razão.

Essa perspectiva crítica ganhou força no período pós-Segunda Guerra Mundial, quando os intelectuais da Escola de Frankfurt, exilados nos Estados Unidos durante o nazismo, testemunharam a consolidação da cultura de massas e da sociedade de consumo.

Diante desse cenário, Horkheimer e Adorno (1985) desenvolveram o conceito de indústria cultural, apresentado no capítulo intitulado *A Indústria Cultural: o Esclarecimento como Mistificação das Massas*, da obra *Dialética do Esclarecimento*.

O termo indústria cultural designa o processo pelo qual os produtos culturais passaram a ser fabricados de forma padronizada, massificada e voltada ao lucro, tal como bens de consumo industrial. Para Horkheimer e Adorno (1985), cinema, rádio, televisão, música popular, publicidade e até literatura passaram a seguir fórmulas repetitivas, com o objetivo de entreter e conformar o público, anulando o pensamento crítico e fortalecendo a passividade diante da realidade social. Assim, a cultura deixa de ser um espaço de reflexão e emancipação para tornar-se um instrumento de reprodução ideológica e controle social:

O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural [...] A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 104-105).

Ao invés de promover o esclarecimento e a autonomia dos indivíduos, como propunha o Iluminismo, a cultura, agora submetida à lógica do mercado, transforma-se em veículo de mistificação, distração e conformismo: “Assim, a indústria cultural, o mais inflexível de todos os estilos, revela-se justamente como a meta do liberalismo, ao qual se censura a falta de estilo” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 108).

A crítica dos autores evidencia como o capitalismo moderno se apropria da arte e da cultura para manter a hegemonia ideológica, promovendo conteúdos que reforçam estereótipos, simplificam conflitos e vendem falsas promessas de felicidade. Coelho (1980, p. 11) chama a atenção para dois traços da indústria cultural:

[...] a reificação (ou transformação em coisa: a coisificação) e a alienação. Para a sociedade capitalista, o padrão maior (ou único) de avaliação tende a ser a coisa, o bem, o produto, a propriedade: tudo é julgado como coisa, portanto, tudo se transforma em coisa, inclusive o homem.

Como consequência, há a produção de necessidades artificiais e a substituição da reflexão profunda por um consumo incessante de imagens, produtos e narrativas previsíveis. Horkheimer e Adorno (1985) denunciam a morte da razão crítica, sufocada pelas relações da produção capitalista. Em suma, os frankfurtianos apontam que, no capitalismo industrial,

arte e cultura foram transformadas em produtos descartáveis de entretenimento alienante. Com o apoio dos meios de comunicação, a indústria cultural padroniza o gosto para promover o lucro e estimular o consumo.

Considerações finais

O filme *Barbie* (2023) pode ser utilizado como recurso para introduzir o conceito de indústria cultural no ensino de Filosofia no Ensino Médio. A representação de Barbieland, um universo idealizado em que todas as personagens femininas são chamadas Barbie e as masculinas Ken, permite refletir sobre a homogeneização das identidades e a artificialidade dos mundos produzidos pela cultura de massa. Essa uniformidade evidencia as formas pelas quais a indústria cultural estabelece padrões rígidos, muitas vezes ocultando as complexidades e contradições da realidade social.

A crise existencial da personagem principal, manifestada no questionamento acerca de sua aparência e propósito, caracteriza uma ruptura com o ideal perfeito promovido pela lógica mercadológica. Ao abordar temas como a morte e a imperfeição, o filme demonstra que produções culturais inseridas no circuito do consumo podem, simultaneamente, suscitar reflexões sobre a existência e a identidade.

No desenvolvimento da narrativa, a interação de Barbie com o mundo real revela contradições e tensões próprias das estruturas sociais, em especial da cultura patriarcal. As reações distintas de Barbie e Ken diante dessa realidade ilustram os modos pelos quais a cultura influencia comportamentos e expectativas, reafirmando o papel da indústria cultural na reprodução das ideologias dominantes.

O monólogo da personagem Gloria constitui um momento de síntese crítica, evidenciando as dificuldades enfrentadas pelas mulheres e as limitações das representações midiáticas. Essa fala permite compreender os mecanismos de alienação e controle presentes na cultura de massa, ao mesmo tempo em que sugere possibilidades de resistência e reinterpretação. Dessa forma, o filme, ainda que produto da indústria cultural, ultrapassa a mera reprodução de estereótipos e funciona como um espaço de análise e crítica.

Assim, *Barbie* configura-se como um recurso pedagógico relevante para fomentar a reflexão crítica dos estudantes, promovendo uma análise que vai além do entretenimento e estimula o questionamento dos produtos culturais consumidos. Ao articular teoria e prática,

o filme possibilita o reconhecimento das influências ideológicas e dos potenciais caminhos para a transformação social.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A indústria Cultural: o Esclarecimento como mistificação das massas. *In*: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 99-138.

ALMEIDA, Jorge Miranda de. Diálogo entre a Filosofia e o Cinema. **ALCEU**. v. 15, n.30, p. 168-181, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu%2030%20pp%20168%20a%20181.pdf>. Acesso em 27 jun. 2025.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 2003.

COELHO, Teixeira. **O que é Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

D`ANGELO, Martha. **Saber fazer Filosofia**: Pensadores contemporâneos. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.

DOIMO, Diego Augusto. **Ensino de Filosofia & cinema**: uma proposta didática para o Ensino Médio. Curitiba: Appris, 2021.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FURTADO, Rita Márcia Magalhães. O cinema nos ensina? *In*: QUEIROZ, Fabrício David (Org.). **Cinema e formação**: concepções estéticas e pedagógicas. p. 53-62.

GIL, António Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso 16 de agosto de 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

WARNOCK, Mary. **Os usos da filosofia**. Tradução de Luzia de Araújo. Campinas: Papyrus, 1994.

YASHINISHI, Bruno José. O uso do cinema em aulas de Filosofia: roteiro didático para a aprendizagem de conceitos através de filmes. **Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v. 21, n.2, p. 251-263, abr./ago., 2023. Disponível em:
<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/7347/5630>.
Acesso em 27 jun. 2025.